

CONTRIBUIÇÃO DA AXIOLOGIA FRANKLIANA PARA AS PESSOAS DE VIDA CONSAGRADA NA VIVÊNCIA DOS VOTOS RELIGIOSOS

CONTRIBUTION OF FRANKLIAN AXIOLOGY TO PEOPLE IN CONSECRATED LIFE IN THE EXPERIENCE OF RELIGIOUS VOWS

Bianca Aparecida Martins*

Daiane Duarte da Cruz*

Denise Cristina Alves*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir e relacionar as três categorias de valores que Viktor Frankl traz em sua axiologia, vinculadas aos Conselhos Evangélicos, próprios da Vida Consagrada. O instrumento de pesquisa utilizado para a elaboração e desenvolvimento deste artigo foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com a finalidade de estabelecer uma profunda relação entre a vivência dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência e a realização dos valores criativos, vivenciais e atitudinais. A vivência autêntica do voto de pobreza como um valor criativo a ser realizado, possibilita à pessoa consagrada, experimentar não somente a sua realização pessoal, bem como a possibilidade de entregar ao mundo obras que tenham sua marca pessoal e única. O voto de castidade é um valor intrinsecamente vivencial, pois comporta uma fonte de fecundidade de um coração indiviso, aberto a todos, pertencendo, no entanto, a um só. A obediência, vivida radicalmente como voto, é um sinal para o mundo, mas também, e, principalmente, uma fonte de sentido e caminho de maturidade na vida da pessoa consagrada quando experienciada com base nos valores de atitude. Este artigo é um instrumento de apoio e auxílio às pessoas consagradas na Vida Religiosa para a vivência de seus votos, subsídio aos logoterapeutas que atendam religiosos e base para um maior aprofundamento sobre o tema em novos estudos.

Palavras-chave: Conselhos Evangélicos, Logoterapia, Vida Religiosa, Viktor Frankl.

* Alunas do Curso de Pós-Graduação Análise Existencial e Logoterapia Frankliana do Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro.

ABSTRACT

This article aims to reflect and relate the three categories of values that Viktor Frankl brings in his axiology, linked to the Evangelical Councils, typical of Consecrated Life. The research instrument used for the elaboration and development of this article was qualitative bibliographical research, with the purpose of establishing a deep relationship between the experience of the vows of Poverty, Chastity and Obedience and the realization of creative, experiential and attitudinal values. The authentic experience of the vow of poverty as a creative value to be realized, allows the consecrated person to experience not only their personal fulfillment, as well as the possibility of delivering works to the world that have their personal and unique mark. The vow of chastity is an intrinsically experiential value, as it involves a source of fecundity from an undivided heart, open to all, yet belonging, however, to one person. Obedience, lived radically as a vow, is a sign to the world, but also, and mainly, a source of meaning and a path to maturity in the life of the consecrated person when experienced based on attitudinal values. This article is an instrument of support and assistance for people consecrated in Religious Life to live out their vows, a subsidy for logotherapists who serve religious people and a basis for further delving into the topic in new studies.

Keywords: Evangelical Councils, Logotherapy, Religious Life, Viktor Frankl.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser em constante busca de sentido para sua vida, busca esta, que o atrai à realização de valores, que são como vias de sentido nas quais ele percorre buscando sua realização enquanto pessoa (Frankl, 2022), e que Frankl (2019) irá condensar em três possibilidades em sua Axiologia: valores criacionais - associados ao aspecto do trabalho-, vivenciais - aspecto do amor- e, atitudinais - aspecto do sofrimento.

Por outro lado, pensando nas pessoas que se entregam a uma vida específica de consagração, cujo sentido de vida, é a autotranscendência, ou seja, uma vida de altruísmo e de doação ao outro, orientada por três compromissos públicos, os assim chamados conselhos evangélicos de Pobreza, Castidade e Obediência; mesmo estas pessoas, doando-se buscam realizar-se; vivendo para outrem, buscam encontrar-se, e encontrar Cristo, o Sentido Magno de suas vidas.

Vive-se num tempo em que o ser humano encara uma grande falta de sentido em sua vida, em que os problemas são, muitas vezes, encarados como mera circunstância a ser vivida como uma determinação factual que o destino, a sociedade, ou alguma situação imposta pela vida.

Diante dessas situações, muitas pessoas, mesmo pessoas consagradas, acabam não encontrando o sentido de sua vida e de sua missão, por não conseguirem lidar com as demandas de trabalho, com os próprios afetos e emoções de forma salutar, ou com o sofrimento, e por não compreenderem a si mesmos como pessoas humanas em sua integralidade.

Nesta perspectiva, o presente trabalho intenta em estabelecer uma relação entre os valores em Frankl e os conselhos Evangélicos, de forma a auxiliar as pessoas de vida consagrada na vivência de seus votos, sob a ótica e com a contribuição da Axiologia Frankliana, bem como auxiliar os profissionais que trabalham com esse público, uma vez que ambas corroboram a realidade de que a pessoa humana busca a realização, que só é possível mediante a vivência da integralidade.

No que se refere à organização textual, o presente artigo foi estruturado em Resumo; Introdução, abrangendo a Metodologia; Fundamentação Teórica, dividida em duas seções: primeiramente, o conceito de Axiologia Frankliana, subdividida em três tópicos sobre cada um dos três valores e, na sequência, a conceitualização dos Conselhos Evangélicos, também subdividida em três tópicos correspondentes aos três Conselhos Evangélicos; Discussão, subdividida, também, em três tópicos: os valores Criativos relacionados ao voto de Pobreza, depois, os valores Vivenciais relacionados ao voto de Castidade, e, por fim, os valores Atitudinais relacionados ao voto de Obediência; e Considerações finais.

O instrumento de pesquisa utilizado para a elaboração e desenvolvimento deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, do tipo qualitativa de natureza exploratória e explicativa, cuja finalidade básica visa contribuir com o conhecimento da Axiologia Frankliana, para analisar e refletir na relação que se pode estabelecer entre a realização de valores e a vivência dos Votos professados pelas pessoas de Vida Consagrada.

AXIOLOGIA EM VIKTOR FRANKL

Viktor Emil Frankl, um psiquiatra austríaco, professor de psiquiatria e neurologia, sobrevivente de quatro campos de concentração durante a ocupação Nazista, na Segunda Guerra Mundial, fundador da Logoterapia, considerada a terceira escola vienense de psicoterapia, nos apresenta, na temática da axiologia-teoria concernente à questão dos valores na sociedade-, os quais ele vai denominar de universais de sentido, ou seja, as vias comuns pelas quais a pessoa humana encontra sentido para sua vida (Frankl, 2021).

A axiologia frankliana, apresenta três categorias de valores, conforme Frankl (2022, p.90), “eu os classifiquei com os seguintes nomes: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. Essa sequência reflete as três vias principais pelas quais o ser humano encontra sentido em sua vida.”

Frankl apresenta a sua axiologia como uma forma de ajudar as pessoas a olharem para as situações da vida, não com uma visão niilista, mas otimista, ao encontrar sentido realizando valores, pois “o que nos permite compreender o valioso da vida, independente da estreiteza de suas circunstâncias, é precisamente a apreensão de toda a riqueza do reino dos valores” (Frankl, 2019, p.112).

Frankl (2019) considerava, ainda, os valores como motivos de ação que impulsionam o homem a agir de maneira livre e não determinada pelas situações.

VALORES CRIATIVOS

Para Frankl (2019), os valores criativos ou “de criação” referem-se à capacidade do homem, enquanto ser espiritual, inscrita em sua ontologia de *Homo Faber*, de criar, de realizar o trabalho enquanto um lugar que revela o caráter de unicidade do ser humano. Ele utiliza esse recurso espiritual que, emanando de sua consciência estética, confere uma responsabilidade, uma missão às suas obras, às suas ações, mesmo as mais ordinárias.

Pelos valores criativos, o homem coloca a importância de suas tarefas na maneira como as realiza e não nelas como um fim em si mesmo, ou seja, não importa tanto o que se faz, mas como se faz (Frankl, 2019).

O valor do trabalho está intimamente ligado à temática da responsabilidade, que, por sua vez, consiste na capacidade humana de responder adequadamente às convocações que a vida lhe faz, às exigências do dia a dia, ao cumprimento dos deveres, não apenas para consigo mesmo, mas também para outrem, e que se revelam também na vida profissional (Frankl, 2019).

“Enquanto os valores criadores ou a sua revelação ocupam primeiro plano da missão da vida, a esfera da sua consumação concreta costuma coincidir com o trabalho profissional.” (Frankl 2019, p.205).

Por meio da profissão pode o homem elevar a sua produtividade além da finalidade de geração de renda, enquanto motivação material, pode, ao mesmo tempo, integrá-la à dimensão que santifica, a motivação da autotranscendência. Desta maneira, o homem protege-se do equívoco de colocar todo sentido de sua vida em sua profissão, ou seja, desvirtuar o sentido que o trabalho deve ter em sua vida (Frankl, 2019).

Quando a pessoa, por um lado, ao realizar suas tarefas e deveres, o faz de maneira automática, sem estar intencionalmente presente por inteiro no que faz, vendo o trabalho com um olhar niilista, como um fardo que nega a possibilidade de sentido, o trabalho, e, até mesmo a profissão mais renomada, podem tornar-se um peso, que a paralisa. E, se por outro lado, se entrega indiscriminadamente ao trabalho, sem estabelecer uma hierarquia de valores, essa pessoa pode entrar numa profunda neurose existencial, se- ou quando- as circunstâncias da vida lhe impedirem de trabalhar. Essa sensação se faz presente a muitas pessoas, diante da pausa semanal da rotina de trabalho, no domingo, à qual Frankl denomina “neurose dominical” (Frankl, 2019).

Diante destas situações é que Frankl (2021) nos apresenta a importância da realização de valores como um meio de resgatar a essência da pessoa humana nas principais áreas de sua vida. Ele coloca diante do homem a possibilidade de realizar valores criativos, ou seja, elevar a uma dignidade e motivação superior, sua capacidade de produzir, de trabalhar e dedicar-se a uma obra ou tarefa. De sair de si mesmo, oferecendo ao mundo e a comunidade humana uma obra que tenha a sua marca, única e irrepetível.

VALORES VIVENCIAIS

Frankl (2021), com maestria, apresentou a dinâmica dos valores vivenciais ou de experiência que se resumem neste receber do mundo (fora de si) de maneira mais passiva as experiências e vivências que nos marcam como pessoa espiritual.

Neste sentido, é necessário um sair de si, a fim de captar essas realidades com um olhar contemplativo e atento. Conforme Frankl (2021, p. 67), “o ser humano é um ser direcionado a algo que não si mesmo”, e, ainda, o autor desenvolve o sentido do amor como ápice desta experiência vivencial.

“O amor constitui um dos dois aspectos do que designei como a autotranscendência da existência humana. Com isso, abranjo o fato antropológico fundamental de que o ser - homem sempre indica um transcender na direção de um sentido, que o homem preenche, ou de um companheiro que ele encontra. E somente na medida em que o homem assim se transcende, ele se realiza - a serviço de uma causa, por amor a alguém. Dito de outra forma: o homem só se torna completamente homem quando se dirige para uma causa ou para uma pessoa. E só chega a se realizar quando se esquece e se supera a si mesmo” (Frankl, 2019, p. 77).

Infelizmente, “o reducionismo é o responsável por interpretar o amor como mera sublimação da sexualidade [...] Reduzir o amor como somente funções do id é uma postura fadada ao erro” (Frankl, 2021, p. 30). O amor em si mesmo é muito mais que sentir ou deixar de sentir, apesar de comportar tudo isso. Sabemos que “o ser humano é impulsionado por instintos, mas é refreado por valores, estando sempre livre para aceitar ou rejeitar um valor que se oferece em dada situação” (Frankl, 2021, p. 75).

A vivência do amor transcende sempre quando se está diante de um outro e não qualquer outro.

VALORES ATITUDINAIS

Segundo Frankl (2021), os valores de atitude dizem respeito à atitude que se toma, à postura que se adota diante da vida, quando se é defrontado com um destino que não se pode mudar. Os valores de atitude constituem os mais altos valores possíveis, pois neste contexto o homem

sofredor adquire a capacidade de se erguer acima de sua dor e de tomar uma atitude significativa em relação a ela.

“A experiência mais nobre do sentido se reserva àquelas pessoas que, privadas da possibilidade do trabalho ou do amor, escolhem livremente uma atitude afirmativa da vida, erguendo-se por sobre si mesmas e crescendo para além de si. O que importa, nesse caso, é a postura que se decide ter, a atitude que permite, heroicamente, transformar a miséria de um sofrimento inevitável numa conquista, num triunfo”(Frankl, 2021, p.86).

Ao longo dos escritos de Frankl, é possível perceber que a realização de valores atitudinais não está ligada somente ao ato de sofrer, mas principalmente ao ato de se sacrificar. “O que se exige é que esteja disposto a dar tudo, entregar tudo, abandonar tudo, tudo sacrificar, em uma única palavra, ter a disposição incondicional ao sacrifício”. (Frankl, 2019, p.329).

Contudo, o sacrifício que Frankl apresenta, não é um sacrifício vazio, centrado em si mesmo, é um sacrifício direcionado ao outro. “O valor do que existe reside na possibilidade de sacrificá-lo por amor a um ser mais alto, por amor ao que há de mais alto, mesmo correndo o risco de sucumbir” (Frankl, 2019, p.326). E continua: “É o sentido final do sacrifício; o que sacrifica dá ao sacrificado sentido, valor. Dar sentido quer dizer entregar-se. Não é o que eu guardo comigo que retém valor; é o que eu sacrifico que adquire valor” .

OS CONSELHOS EVANGÉLICOS NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

A Igreja Católica reconhece que existe Vida Consagrada, quando um batizado assume os conselhos evangélicos, mediante um vínculo sacro, segundo as normas aprovadas pela autoridade competente em uma das formas canonicamente reconhecidas de Vida Consagrada (CDC, cân.573).

Frankl (2021), ao apresentar o primeiro pilar que sustenta a visão de homem da logoterapia, isto é, a liberdade da vontade, explica que “O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele” (Frankl, 2021, p.25). A atitude do Consagrado é a busca por se assemelhar a Cristo.

João Paulo II (1999), destaca que Cristo convida alguns a partilharem a sua própria experiência de pessoa pobre, virgem e obediente. Acolher este convite requer o desejo explícito de conformação total com Ele, vivendo como Ele viveu: na obediência, sem nada de seu e na castidade. A forma de vida pobre, casta e obediente apresenta-se como a maneira mais radical de viver o Evangelho sobre esta terra, um modo divino, pois se torna uma expressão da relação do Filho Unigênito com o Pai e com o Espírito Santo e um testemunho para o mundo de desapego aos bens criados para abraçar o absoluto.

Como demonstra Benedetto (2005), a Vida Religiosa na Igreja, está organizada atualmente nos Institutos de Vida Consagrada, que são instituições aprovadas pela Igreja, nas quais as pessoas que abraçam esse estado de vida buscam um processo constante de crescimento, que é fruto da ação do Espírito Santo, para enriquecer a caminhada da Igreja. O anúncio será feito, não só pela palavra, mas pelo testemunho de amor gratuito, em favor dos irmãos e na vida fraterna. A entrega da própria vida é a maior prova do amor.

Os três conselhos evangélicos são um convite a uma maior unidade com o Senhor, “em oblação de si mesmo para colaborar com o advento do Reino, como imitação mais completa de Cristo, em atitude própria aos que oferecem a sua vida para testemunhar e anunciar o Evangelho e estar a serviço da humanidade redimida” (Benedetto, 2005).

CONSELHO EVANGÉLICO DA POBREZA

Pelo voto de pobreza, os religiosos colocam-se voluntariamente numa situação de serviço à humanidade, já que não buscam, nem em si mesmos, nem nos bens materiais a sua realização, mas no seguimento e imitação de Jesus Cristo, a quem tomam por Mestre e Sentido de suas vidas, numa atitude de esvaziamento de si pelo outro, pelo bem do outro. Colocam seus bens, seu tempo, suas capacidades à serviço da obra e missão por eles abraçada, conforme o Código de Direito Canônico:

“O Conselho evangélico da pobreza, à imitação de Cristo que, sendo rico se fez pobre por nós, além de uma vida pobre na realidade e no espírito, a ser vivida laboriosamente na sobriedade e alheia às riquezas terrenas, implica a dependência e limitação no uso e na disposição dos bens, de acordo com o direito próprio de cada instituto” (CDC, cân.600, p.172).

Por meio do voto de pobreza, os religiosos e consagrados assumem o trabalho, primeiramente, não como fonte de renda - motivação material-, ao passo que não excluem isso também, mas como uma responsabilidade com o dever, como objeto de santificação, resposta ao chamado de imitar o Cristo que trabalhava com suas próprias mãos e para Seu sustento.

Desta forma os religiosos colocam seus talentos e dons a serviço da comunidade, como também dos pobres, fazendo do trabalho e do próprio voto professado, não um fim em si mesmo, mas um meio para a sua realização pessoal, que consiste justamente na busca pela comunhão com Deus e com os irmãos, por meio da vivência da pobreza.

Mas, por isso mesmo, “ela contesta vigorosamente a idolatria do dinheiro, propondo-se como apelo profético lançado a uma sociedade que, em tantos lugares do mundo abastado, se arrisca a perder o sentido da medida e o próprio significado das coisas” (João Paulo II, 1999, p.179).

Assumir uma condição de pobreza significa muito mais do que a mera privação da posse de bens pessoais, ou da livre disposição de dinheiro, mas consiste num cuidado com o bom usufruto de todas as coisas, atribuindo e encontrando o real sentido das realidades materiais.

CONSELHO EVANGÉLICO DA CASTIDADE

A pessoa consagrada chamada a viver de maneira mais intensa a perfeição da caridade livremente opta pelos Conselhos Evangélicos para se assemelhar ao seu Mestre Divino, ao qual ousa chamar de Esposo Celeste. E como o “amor nunca pode deixar de enriquecer a quem ama, em qualquer caso” (Frankl, 2016, p. 245), decidem-se em caminhar nos mesmos passos que Jesus de Nazaré.

Sendo assim, o amor sempre traz um elemento de exclusividade e, através do voto de castidade, o consagrado declara-se como pertença de Deus. “Não é «mérito» o amor, antes é graça”, (Frankl, 2016, p. 221) e por ser agraciado com este dom quer dar-se integralmente à Deus.

A castidade é a guardiã do amor, protegendo e preservando este tesouro tão precioso. Ao contrário do que muitos pensam, não é uma armadura externa que colocamos na pessoa consagrada, mas um valor no qual se “autorealiza precisamente à medida que se esquece de si

próprio; e ele se esquece de si próprio novamente à medida que se entrega a uma causa à qual serve, ou a uma pessoa que ama.” (Frankl, 2022, p. 99)

Quem ama está sempre disposto a todo e qualquer sacrifício pela pessoa amada. Não estaria o consagrado disposto a tudo renunciar por amor a Deus? Será infeliz aquele que deixa algo lícito por um Bem maior, por um Amor maior? “Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma - dedicando-se a servir uma causa ou a amar alguém -, mais humana será e mais se realizará” (Frankl, 2022, p. 135).

A vida consagrada sempre esteve aberta a amparar quaisquer pessoas em condições desfavoráveis, e não são poucos os testemunhos de acolhida aos recém-nascidos abandonados, aos órfãos, os idosos deixados sozinhos ou até mesmo maltratados, os portadores de doenças incuráveis ou com graves malformações, os sem-teto ou aqueles que necessitavam de algum auxílio espiritual. Nestes rostos dolorosos que o consagrado gera almas para Deus, através de seu voto e cada pequena conquista é sinal de realização pessoal e comunitária.

A resposta que a pessoa consagrada, através dos votos, dá Àquele que lhe chama é um coração indiviso, trazendo assim a fecundidade e amor todo devotado a Deus, porém, manifestado no cuidado e atenção para com os outros.

CONSELHO EVANGÉLICO DA OBEDIÊNCIA

João Paulo II (1999), destaca as consequências negativas geradas na vida dos indivíduos e dos povos pelo uso deturpado da liberdade e aponta a obediência, que caracteriza a vida consagrada, como uma resposta eficaz diante de tal situação. A obediência, praticada à imitação de Cristo, manifesta a graça libertadora de uma dependência filial e não servil, rica de sentido e de responsabilidade. Não há contradição entre obediência e liberdade. A entrega de Jesus em sua obediência à vontade do Pai, ilumina os passos do homem e demonstra que o mistério da obediência é um caminho de progressiva conquista da verdadeira liberdade. É exatamente este mistério que a pessoa consagrada busca exprimir com este voto concreto.

De acordo com Zaromski (2018) o voto de obediência tem seu fundamento social na lei natural, que permite alguém privar a sua liberdade para submeter a própria vida à vontade de outra pessoa. Esses fundamentos e preceitos da vida social são confirmados através do Decálogo e

do Evangelho. A Obediência religiosa é o caminho e fundamento mais seguro da perfeição cristã e é necessária para manter a unidade da Igreja Católica. “Para que a salvação dos homens fosse realizada, foi necessário que Cristo Jesus, fosse obediente até a morte na Cruz, pois ele sabia que o Pai o ressuscitaria no terceiro dia. Todo aquele que obedece imitando a maneira de Jesus, assim como ele, entrega sua própria vontade nas mãos daquele que sabe o preço e a consequência da obediência. Sacrificar a vontade é necessário para alcançar um bem maior” (Zaromski, 2018, p.48).

Zaromski (2018) ainda salienta que ligar-se através do voto de obediência a alguém, apenas para fazer os seus gostos, vontades e caprichos, é algo imperfeito e vai contra a perfeição evangélica, pois a obediência não deve ser fruto do temor da autoridade à qual a pessoa está submetida. Entretanto, obedecer de acordo com os Conselhos Evangélicos deixados por Jesus leva o religioso à fonte da lei evangélica: ser obediente por amor, assim como Jesus foi para com o Pai Celestial.

Diante da perspectiva autotranscendente do sentido do trabalho é possível perceber que existe uma relação direta dos valores criativos com o Conselho Evangélico de Pobreza, assumido pelos religiosos e pessoas de vida consagrada.

Segundo Frankl (2019), a pessoa humana é um ser inacabado, cuja missão é completar a obra divina; assim, por meio dos valores de criação, o homem participa da construção de sua própria identidade a partir do sentido conferido ao trabalho. Desta forma, o voto de pobreza se torna uma autêntica realização de valores criativos.

“Na verdade, a pobreza evangélica, ainda antes de ser um serviço em favor dos pobres, é um valor em si mesma, enquanto faz lembrar a primeira das bem-aventuranças na imitação de Cristo pobre. Com efeito, seu primeiro significado é testemunhar Deus como verdadeira riqueza do coração humano” (João Paulo II, 1999, p.177).

Ao experimentar momentos de dificuldades na vivência da sua vocação, a pessoa consagrada pode refugiar-se em atividades externas ou no trabalho, que, aos poucos, deixa de ser um meio para a santificação, e passa a ser um fim que o leva desde a ausência de sentido a um vazio existencial.

Pode acontecer também ao religioso, a tentação de colocar o sentido de sua vida no trabalho, caindo numa espécie de neurose, um ativismo que fere e mina sua vocação paulatinamente, já que ele vai deixando de viver com fidelidade os demais elementos essenciais do estilo de vida que abraçou, como a vida espiritual e vida de oração, vida comunitária, a vida intelectual e o serviço aos mais necessitados que, como afirma João Paulo II (1999), permeia toda a contemplação e ação apostólica própria da vida consagrada.

Neste contexto, a vivência autêntica do voto de pobreza como um valor a ser realizado possibilita à pessoa consagrada experimentar, não somente a sua realização pessoal, bem como a possibilidade de entregar ao mundo obras que tenham sua marca pessoal e única. Não somente o próprio religioso é beneficiado com a santificação pessoal que o trabalho lhe pode conferir, como pode elevar outras pessoas à santificação, à sanidade de vida, pelo testemunho de suas obras (João Paulo II, 1999).

Cabe, portanto, também aos profissionais logoterapeutas que acompanhem pessoas religiosas, aprofundarem o conhecimento acerca dos elementos essenciais da vida consagrada, para que, compreendendo melhor opção de vida delas, possam ajudá-las na realização de valores criativos, não somente como um auxílio à vivência do próprio voto de pobreza, mas, também, como um aperfeiçoamento deste, em vista da realização pessoal da pessoa consagrada e de seu ser autotranscendente para o mundo.

É verdadeiramente inadmissível resumir a castidade à mera negação de impulsos e loucura do homem. Se para Freud (2006), coibir o instinto sexual seria o mesmo que contrair uma neurose, para Frankl (2021, p. 48) “realizar um objetivo constitui uma razão para ser feliz”, mesmo se este objetivo requer renúncias e restrições. O amor, dizia Teresa de Lisieux (2016), alimenta-se de sacrifícios. “Se o prazer não é capaz de dar sentido à vida humana, também a ausência de prazer não é capaz de lho tirar” (Frankl, 2016, p. 193).

Para a pessoa consagrada através da castidade, a privação da relação sexual não impede a vivência de um grande amor, que se consome dia após dia na causa em que está engajada, na comunidade que desenvolve seus atos de caridade concretamente e, sobretudo, em sua vida de solidão e oração dedicada à Deus - razão primeira e última de sua consagração total.

Este belíssimo voto trouxe, no decorrer dos séculos, grandes homens e mulheres de Deus, que por amor deixaram tantas oportunidades para outras tantas maiores, ao serviço do outro por causa de Deus. “[...] a castidade e a virgindade não são virtudes angélicas, mas, ao contrário, especificamente humanas, pois os anjos não possuem corpo e, assim, não têm de dominar os sentidos. S. João Crisóstomo rebate tal argumento exaltando ainda mais a virgindade: Os castos ultrapassam em virtude os anjos, que levam vida celestial, ignorando o combate” (Agostinho, 1990, p.106).

Conscientemente fazendo essa opção pela castidade, o religioso sabe de suas consequências e livremente escolhe, pois não está mirando no ato sexual, mas no Amor em si mesmo. “Eu diria que é propósito do sentido regular a marcha, o ritmo do ser.” (Frankl, 2021, p. 68). Poder-se-ia dizer que é propósito da castidade como guardiã, regular a marcha, o ritmo da perfeição do amor - caridade.

Chesterton (2008), em sua esplendorosa obra da Ortodoxia, orienta sobre o amor verdadeiro que não se falseia acomodamento ou filosofias baratas, mas o amor real sempre terminou em sangue derramado, por isto, sublinha que “Joana D’Arc não elogiou a luta, mas lutou” (Chesterton, 2008, p. 59).

O amor é exigente! E, por que o religioso, apesar de inclinações naturais, não pode optar por este conselho evangélico que o próprio Cristo abraçou? “No amor, nenhum eu é impulsionado por um id - no amor, um eu se ‘decide’ por um tu” (Frankl, 2022, p. 33).

Por amor aos seus votos e a Deus, tantos religiosos entregaram livremente sua vida, se consumiram por uma obra ou uma causa, e chegaram até os últimos suspiros, buscaram esse sair de si, esse olhar transcendente diante do outro pois “o dever precede ontologicamente ao querer” (Frankl, 2022, p. 55). Sendo o dever de agradecer a Deus, razão de sua existência.

Portanto, para a vida religiosa, o voto de castidade é um valor intrinsecamente vivencial, e retirar esse olhar do mundo interior do consagrado é intolerável e revelará a incompetência do psicoterapeuta referente a sua pequena e insuficiente visão. Este valor é contemplado em todas as atividades pastorais, sociais e religiosas da pessoa consagrada. Faz parte essencial de sua vida. “Sempre que realizamos valores, estamos cumprindo o sentido da existência, estamos impregnando-a de sentido” (Frankl 2019, p. 296).

Quantas instituições não foram fundadas e são, ainda hoje, sustentadas por religiosos? Quantas vidas consagradas a Deus, que iluminam nossos dias pelo testemunho de amor e transcendência, neste sair de si constante?

A castidade é a face do amor para a pessoa consagrada, e, de certa forma, zela por um bem de valor inestimável, onde, gratuitamente, entrega a quem ama, ou seja, Seu Deus.

“Só podemos amar algo de concreto, jamais algo de abstrato, um valor qualquer. O valor só pode ser amado quando personificado em alguém [não necessariamente uma pessoa humana, poderá também ser uma pessoa sobre-humana, uma surperpessoa, Deus, por exemplo]” (Frankl, 2019, p. 270).

Exige-se do logoterapeuta, quando tem diante de si uma alma consagrada de conduzi-la de maneira a não ferir seus valores e que como nos abrilhanta o saudoso Chesterton (2008), em sua obra Ortodoxia, já citada, apesar de o celibato ser uma flor da qual não tinha sido-lhe revelada o doce ardor; mesmo assim, poderia ser simbolizada como a cor branca: “não simplesmente a ausência de cor” (Chesterton, 2008, p.133).

O conselho evangélico da castidade abraçado por amor ao Reino dos Céus é uma fonte de fecundidade de um coração indiviso, aberto a todos, pertencendo, no entanto, a um só. Assim sendo, o sentido do amor dentro dos valores vivenciais, se expressa para a pessoa consagrada através deste voto da Castidade que traz sentido à sua vida e à sua entrega.

Tendo em vista que Frankl (2019) apresenta a realização de valores atitudinais como uma livre disposição ao sacrifício, se torna possível relacionar valores atitudinais e o voto de obediência professado pelos religiosos.

Ao considerar um sacrifício livre, um sofrimento inevitável, heroico e cheio de sentido, o religioso lança um olhar para o sacrifício de Jesus, pois Ele foi, conforme o Livro de Filipenses (Bíblia, 1959), “obediente até a morte, e morte de cruz”. Neste contexto, de acordo com João Paulo II (1999), está o fundamento da obediência consagrada, que encontra o pleno sentido do oferecimento de sua vontade, e dos sofrimentos anexos a essa sublime entrega, na obediência de Cristo.

Ao professar publicamente o voto de Obediência o religioso realiza valores de atitude, pois livremente se atreve a obedecer e, conseqüentemente, abraçar o sacrifício com Cristo.

Frankl (2019) afirma o valor do desapego, fundamental para a vivência da pobreza enquanto voto, quando ensina que as coisas têm valor para serem sacrificadas, que o sentido do sacrifício constitui o verdadeiro valor que é próprio à cada coisa, e que a definição do valor de algo se dá pela possibilidade de seu abandono ao que há de mais alto: a Deus.

As afirmações de Frankl corroboram com o caráter de valor atitudinal do Voto de obediência, pois, ao professar este voto, os religiosos sacrificam a Deus, mais que bens materiais, entregam sua própria vontade. Ao refletir sobre a obediência na Vida Religiosa Consagrada, muitos podem se perguntar se esse voto não se torna uma afronta à liberdade e à responsabilidade, temas tão caros à Logoterapia. João Paulo II (1999), desenvolve essa questão e afirma que a liberdade humana tanto mais se plenifica, quanto mais permanece ligada à fonte da sua existência. A obediência consagrada se torna assim um caminho de encontro com a verdadeira liberdade e responsabilidade, uma terapia espiritual para a humanidade, porque recusa a idolatria da criatura e torna visível o Deus vivo.

É comum acontecer que, em alguns momentos da vida e da caminhada, a pessoa consagrada necessite de auxílio para viver em plenitude sua vocação, no tocante à obediência. Aqueles logoterapeutas que receberem a missão de acompanhar pessoas consagradas, precisam ter em vista que o valor atitudinal deve ser apreendido diante dos momentos de crise “O sofrimento converte o homem em visionário e torna o mundo transparente” (Frankl, 2019, p. 303). Por isso, tanto o logoterapeuta, quanto o paciente religioso, não podem esquecer que, segundo Frankl (2019, p. 303) “Sofrer significa agir e significa crescer. Significa igualmente amadurecer. O indivíduo que se eleva acima de si mesmo avança para a maturidade” .

Frankl (2021) conta um diálogo interessante que teve com um professor de Harvard, no qual este lhe perguntou se é possível ensinar valores. A resposta foi muito interessante. “Eu lhe respondi que valores não podem ser ensinados; valores devem ser vividos. Tampouco o sentido pode ser dado. O que um professor pode dar, nesse caso, nunca é o sentido, mas um exemplo da própria dedicação pessoal e de sua devoção à causa da pesquisa, da verdade e da ciência” (Frankl, 2021, p. 106).

A resposta de Frankl pode ser usada como base, para a vivência dos votos na Vida Consagrada: *O que o religioso pode dar, nunca é o sentido, mas um exemplo da própria dedicação pessoal e de sua devoção à causa do Evangelho, da Verdade e da Eternidade!* “Só aquele que estiver convencido conseguirá convencer os outros!” (Frankl, 2019, p.300).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida religiosa consagrada é um presente para o mundo, quando vivida plenamente, pois desvenda para a humanidade o rosto de Cristo ao abraçar o estilo de vida que Jesus viveu: uma vida pobre, casta e obediente. Por isso os religiosos professam publicamente os conselhos evangélicos — pobreza, castidade e obediência — como votos, tornando-se assim sinais e testemunhas.

Diante dos desafios enfrentados por cada ser humano na busca de sentido para suas vidas, se torna urgente a necessidade de dar suporte para todos aqueles que são referência para essa busca, como é o caso dos religiosos.

Tendo em vista as três categorias de valores — vivenciais, criativos e atitudinais — que são, de acordo com Frankl, um caminho para que o homem possa encontrar sentido em sua vida, se torna necessário um fecundo entrelaçamento entre a realização de valores e a vivência dos conselhos evangélicos. Desta forma os votos religiosos, unidos aos valores, se tornam instrumentos mais eficazes para encontrar, testemunhar e projetar sentido.

O voto de pobreza se torna uma verdadeira realização de valores criativos quando a pessoa consagrada coloca suas obras ao serviço de Deus e da Igreja, renunciando à posse dos bens, fazendo do trabalho um caminho de liberdade e doação total.

O voto de castidade se torna uma autêntica realização de valores vivenciais quando a pessoa consagrada se decide a amar, plenamente e de forma indivisa, a Deus e ao próximo por amor dEle, saindo de uma busca de prazer egoísta e caminhando ao encontro de uma verdadeira doação ao que há de mais alto.

O voto de obediência se torna uma legítima realização de valores atitudinais quando a pessoa consagrada compreende o valor do sacrifício e da entrega amorosa da própria vontade como um caminho de autêntica liberdade.

À luz da Axiologia Frankliana, podem os religiosos e pessoas consagradas, sob uma nova ótica, aperfeiçoar a vivência dos seus votos, considerando novas possibilidades de sentido que os levem à realização de novos valores que contemplem a pessoa humana de forma integral, em todas as suas dimensões. Bem como, pode e deve o profissional logoterapeuta, que acompanha tais pessoas, ajudá-las a estabelecer essa relação valor-voto para levá-las à compreensão da necessidade de contemplar a pessoa humana, e, no caso, consagrada, em toda a sua grandeza e integridade, a partir de um profundo conhecimento das categorias de valores para Frankl, como também da essência dos Conselhos Evangélicos.

Que este artigo seja um instrumento de apoio e auxílio às pessoas consagradas na Vida Religiosa para a vivência de seus votos e que possa oferecer subsídio aos logoterapeutas que atendam religiosos, além de servir como base para um maior aprofundamento sobre o tema em novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDETTO, Thereza Rosa. Ecclesialidade da vida consagrada. **Teocomunicação**, v. 35, n. 148, 2005.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 31.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1959, (impressão 2001). 1632 p.
- CHESTERTON, Gilbert K. **Ortodoxia**. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. 24 ed. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2022.
- _____, **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia**. 6 ed. São Paulo: Paulus, 2021.
- _____, **A vontade de sentido: Conferências escolhidas sobre Logoterapia**. 1 ed. Campinas - SP: Auster, 2022.

_____, **Em busca de sentido**. 55 ed. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2022.

_____, **O sofrimento humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. 1 ed.- São Paulo: É Realizações, 2019.

_____, **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. 6 ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FREUD, Sigmund. **Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos (1906-1908)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Vita Consecrata**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. **Obras completas**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTO AGOSTINHO. **A virgindade consagrada**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

ZAROMSKI, Leonardo Rafael de Araujo. **Pobreza, obediência e castidade na ótica de São Boaventura**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.